

A HARMONIA SECRETA DO CAOS: INTERTEXTUALIDADE NO *GRANDE SERTÃO*

Rafael Soares de Oliveira. Mestrando em Literatura Brasileira (UFMG)¹.

RESUMO: *Leitura crítico-interpretativa de passagem do romance Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Busca-se estabelecer o papel conciliador desempenhado pela experiência do amor e da beleza na relação entre o narrador-protagonista e o mundo, marcada, a princípio, por sentimentos de estranheza e absurdo.*

PALAVRAS-CHAVE: absurdo, beleza amor.

“A rosa não tem porquê:
floresce porque floresce.”
(Angelus Silesius)

Uma das maiores fontes de angústia para o ser humano é certamente a sua expectativa (em última análise, ilegítima) de que o mundo faça sentido. Ora, o que o confronto com o mundo constantemente nos revela é o Absurdo, isto é, a completa ausência de sentido. Na esperança de traduzir o Absurdo nos termos da racionalidade humana e, assim, torná-lo suportável, lançamos mão de, basicamente, dois expedientes: a explicação e a justificativa. Para isso, recorremos à ciência, à religião, à filosofia, etc. A um espírito livre como Riobaldo, entretanto, evidencia-se freqüentemente a precariedade desse tipo de artifício, bem como a conseqüente impossibilidade de se humanizar o Absurdo. A partir daí, gera-se um sentimento de alteridade irredutível entre homem e mundo, apartados como que por um abismo de estranheza. Impossibilitado de se comunicar com o mundo, o homem se vê, dessa forma, prisioneiro absoluto de si mesmo, hermeticamente emparedado dentro de sua própria individualidade.

Tal insulamento ontológico só se poderá reverter através do amor. Transformando-se “na coisa amada” (CAMÕES, 2001, p.113), isto é, identificando-se com o objeto do próprio amor, projeta-se “o amador” (Idem) para fora de si mesmo, reencontrando, assim, o mundo (de que, anteriormente, se vira aliado) corporificado na figura do outro. Amar nada mais é do que fazer recair sobre o outro a imagem do mundo; essa, a propriedade mitificante do amor. Mediante tal operação, o amado deixa de importar enquanto indivíduo empírico e particular para se converter, imaginariamente, em metonímia da Totalidade: “A amada é a abreviatura do universo.” (NOVALIS, 1988, p. 19). Verifique-se, a esse respeito, o Diadorim fantasmático, “apartado completo do viver comum” (ROSA, 2001, p. 307), que se nos apresenta à página 307 de *Grande Sertão: Veredas*. Amando-o, Riobaldo transpõe as fronteiras exíguas de seu ser individual, no que poderíamos chamar de uma Hybris erótica: “Aquilo me transformava, me fazia **crescer** dum modo que doía e prazia.” (ROSA, 2001, p. 307. Meu negrito).

Esse tipo peculiar de desmesura consiste justamente no oposto do que acomete o chamado Herói Trágico, uma vez que não coloca o homem em desacordo com um Cosmos regulado por uma ordem rígida, mas sim, pelo contrário, reconcilia-o com um mundo caótico, desprovido de qualquer ordenação. Já a simultaneidade paradoxal de dor e prazer referida pelo jagunço é típica do amor como concebido no Ocidente pelo menos desde o tempo dos trovadores. O amante se compraz tanto

¹ Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Letras - Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Endereço eletrônico: rafael.bhmg@bol.com.br

na alegria alheia quanto no próprio sofrimento, testemunhando, assim, a superação de si a que o amor o incita. Não por acaso, tal masoquismo aponta para a morte: “Aquela hora, eu pudesse morrer, não me importava.” (Idem). Enquanto via de ultrapassagem dos limites individuais e refusão definitiva na Totalidade, a morte representa a culminação última de um processo inicialmente deflagrado pelo amor. Vide Werther.

É certo que Riobaldo não se mata. Contudo, quando primeiro se dá conta de seus sentimentos por Diadorim, surpreende-se num estado de conformidade com a natureza comparável ao do personagem de Goethe quando se enamora de Charlotte. Com efeito, tal conformidade se traduz aqui mediante um procedimento estilístico (ademais amplamente empregado pelo Romantismo) cuja importância é capital nos *Sofrimentos do Jovem Werther*: a projeção de dados subjetivos sobre quadros naturais, que passam, dessa forma, a funcionar como símbolos exteriores de realidades íntimas. Trata-se, como se vê, de uma modalidade específica de correlação objetiva. É assim que, enlevado pela paixão, Werther descreverá as paisagens radiantes de Wahlheim, concretizações de sua própria felicidade (GOETHE, 1998). Da mesma maneira, em *Grande Sertão: Veredas*, cria-se uma especularidade evidente entre o estado de espírito em que o amor recém-descoberto deixa Riobaldo e a subsequente descrição da Guararavacã do Guaicuí.

A princípio, ao deixar o bando dos jagunços, em que “se cumpria o grosso de uma regra” (ROSA, 2001, p. 202) de cujo referencial reconfortante se vê agora privado, Riobaldo se confronta com o Nada: “O mundo estava vazio.” (Idem, p. 304). Condenado à liberdade, só lhe resta flutuar à deriva: “E eu nem sabia mais o montante que queria, nem aonde eu extenso ia.” (Idem, p. 304). A tristeza “sem razão” (Idem) que o aflige faz com que inveje os seres brutos – peças autômatas da máquina do mundo, a qual lhes reserva em si um nicho feito sob medida. Ele, por sua vez, observa tudo com uma exterioridade aflitiva. Por toda parte, pressente a presença alienante do “Outro” (Idem): o mundo lhe pertence, e não ao homem. O sono, entretanto, espécie de morte efêmera, afigura-se como via de reintegração ao Todo: “Quando a gente dorme, vira de **tudo**” (Idem. Meu negrito.). Ao despertar, descobre que Diadorim o seguira. É a partir daí que seus sentimentos pelo companheiro afloram, motivando uma transformação profunda em sua relação com aquilo que o cerca.

Afetado pela virtude mágica do amor, o “mundo vazio” (Idem) se transmuta na “Guararavacã do Guaicuí” (Idem), oásis pulsante de vida, pleno de pássaros, plantas e bois. Lá, Riobaldo aprende a apreciar o Belo. Onde antes só se deparava com o “vago” (Idem), seu olhar descobre agora uma profusão de pequenos milagres. Deleita os ouvidos com o canto dos pássaros; enche os pulmões com o cheiro benfazejo do gado. Está em harmonia com seu entorno: “na Guararavacã, eu estava bem.” (Idem, p. 306) Revelando-lhe a beleza do mundo, seus sentidos humanizam o Absurdo sem suprimi-lo, como em vão tentara o intelecto. Aguçados pelo amor, surpreendem nele um misterioso sentido estético, para além de explicações e justificativas: “tudo o que é bonito é absurdo” (Idem, p. 304). Súbito, um macuco se aproxima: trazendo quebrantos? Uma nova metamorfose do Outro? Mas já não há mais Outro. Tal como Werther, Riobaldo olha ao redor e se reconhece em tudo quanto vê, amorosamente identificado com o mundo por intermédio da figura mítica de Diadorim.

Trata-se, portanto, de algo próximo à chamada *Unio Mystica*, estado que, paradoxal por excelência já que fusão de contrários (indivíduo e Totalidade), expressa-se tradicionalmente sob a forma de paradoxos, como confirmam as obras de poetas místicos tais como Sórora Juana Inez de la Cruz, San Juan de la Cruz e Angelus Silesius. Sintomaticamente, o discurso de Riobaldo se distingue pela presença abundante de formulações paradoxais, dentre as quais a mais explicitamente antiparmenidiana é talvez a célebre: “Tudo é e não é.” (Idem, p. 27). Diante de uma realidade que já não se rende às leis da razão, o paradoxo se afigura como solução expressional alternativa à insatis-

fatória linguagem convencional. Só ele se presta à verbalização do Inefável, categoria que se adequa à experiência extática pela qual se elide a lacuna entre o Ser e o Não-Ser, pressuposto fundamental do pensamento lógico.

Outro procedimento estilístico de que Riobaldo se vale uma vez tocado pelo amor, também ele indicativo de uma percepção supralógica e mística do real, é a sinestesia: “O vento é verde.” (Idem, p. 306), diz na Guararavacã, tomado de saudade dos Geraís. Ao identificar correspondências sub-reptícias entre informações sensoriais distintas, a sinestesia permite pressupor uma unidade oculta, como que subjacente à diversidade de tais informações. Riobaldo parece concluir que, por detrás da multiplicidade diabólica do mundo, há sim um princípio unificador: “Deus estável” (Idem, p. 304); porém, não o atingiremos pela força da abstração violentadora e deformadora da imanência (como pretendem os adeptos de explicações e justificativas), mas sim, pelo contrário, deixando que a imanência nos impregne pela via imediata dos sentidos, revelando-nos extaticamente, em sua beleza para além da razão, a harmonia secreta do caos.

Santo Agostinho já se dera conta dessa – por assim chamá-la – eficácia religiosa do Belo. Em suas *Confissões*, afirma que, ao interrogar com os olhos as coisas do mundo, recebera como resposta a Beleza, indício indubitável da mão do Criador (AGOSTINHO, 1999, p. 265). De fato, mais do que justificado enquanto fenômeno estético, como queria Nietzsche (1999, p. 30), o mundo se encontra aqui sacralizado. A Beleza é a presença de Deus no mundo, “misturado em tudo” (Rosa, 2001, p. 27), estável na própria instabilidade – a qual se vê, dessa forma, desprovida de seu caráter diabólico. Cristão ateu e cético, Riobaldo, a princípio, perde Deus para encontrar o diabo (Rosa *in* Coutinho, 1983, p. 71). Pela graça do amor, entretanto, Deus absorve o diabo. Ser e Não-Ser se identificam numa só Totalidade. Transfigurado pelo amor de Riobaldo, Diadorim se converte na instância eucarística em que Riobaldo e mundo absurdo se religam, entremesclando-se mediante o poder do Belo. O amor desperta para a beleza, e a beleza redime o Absurdo.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

CAMÕES, Luís de. **200 Sonetos**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

COUTINHO, Eduardo F. (org.) **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. Trad. Marion Fleischer. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. Trad. Gérard Lebrun. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

NOVALIS. **Pólen**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 1988.

* Como revela a leitura de *Grande Sertão: Veredas*, o amor e a beleza não bastam para conciliar Riobaldo e mundo de maneira definitiva. Este texto não se quer mais do que a interpretação de um episódio – um entre inúmeros que se enveredam pelo Grande Sertão.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.